

60
42

SAMUEL MAIA
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

L 13743-17

VARIANTES DE PROSÓDIA



LISBOA
1948

SAMUEL MAIA
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

VARIANTES DE PROSÓDIA

VARIANTES
DE PROSÓDIA



Q 178421

LISBOA
1948

SAMUEL MAIA
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

VARIANTES DE PROSÓDIA



R 178421

LISBOA
1948

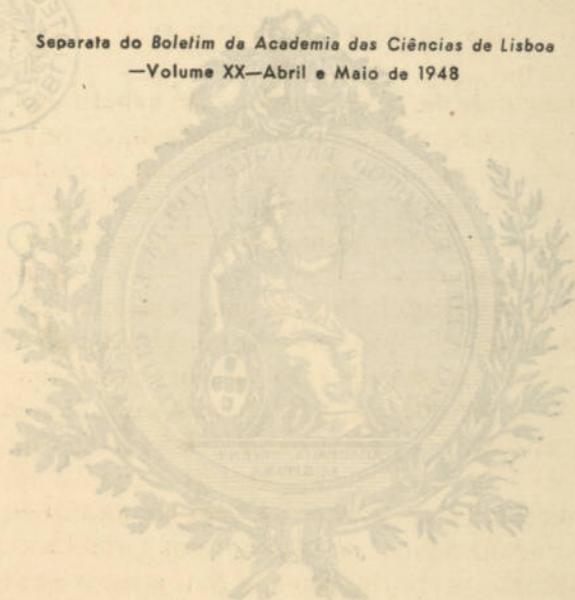
SAMUEL MAIA
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

VARIANTES DE PROSÓDIA



Separata do Boletim da Academia das Ciências de Lisboa
—Volume XX—Abril e Maio de 1948

158751



LISBOA
1948

Há sessenta anos a língua popular nas províncias nortênnhas ainda conservava em uso tonalidades de prosódia primitiva pouco a pouco desaparecidas, as quais julgo fazerem falta ao vigor e harmonia da linguagem.

Menciono de preferência o *om* substituído pelo *ão* e o apagamento da antiga pronúncia do *ch* nitidamente diferenciado em *tch* do *x* com que se confundiu.

Naquele tempo o natural e residente no Minho vocalisava seguro e natural o *nom*, a *ocasiom*, *fizerom* e *acontecerom*.

A sua glote desconhecia por completo a prática do homem do sul, inventor do difongo singular, único no ocidente latino, empregado sem conta nem medida, ao dizer *não*, *perdição*, *consolação*, *concordarão*, com surpresa para o estrangeiro quando ouve a toada da conversa, picada de sons não achados em qualquer língua, desarmónicos, capazes de atribuir-nos feitiço sem suavidade, não afável nem carinhoso.

Quase o contrário succedeu com a troca do antigo *ch* de Sancho pelo actual de San...ro.

Este amoleceu a fonética original, quase a emasculou.

O vigor impresso ao discurso pelo uso alterno dos dois sons cedeu lugar à monotonia, insistente em

cada frase, chegando a produzir no que apenas es-cuta a toada sem entender o sentido a impressão de *xu...xu* interminável.

A pronúncia antiga, ainda vulgar em fins do sé-culo passado entre rurais analfabetos da Beira Alta e outras regiões dava muito diversa cambiante ao dis-curso.

Um exemplo, ao acaso, mostra a vária sensação auditiva comunicada.

Naquele tempo nem só os de mais rude condição andavam esquecidos do geito tradicional.

Mesmo a Dona de elevação modesta exprimia:

— Vae chamar a moça para enfaixar o menino que não deixa de chorar.

Por analfabeto cerrado que fôsse, falando, sepa-rava sem engano o tom do *ch* nas palavras que o con-tinham, do tom *x* onde se encontrasse.

O cavador mais bronco nunca misturava os dois modos. Ele tirava o *chapeu* e baixava a cabeça sem errar a pronúncia nem a aplicação das palavras.

Muito consciente apertava a cintura com a faixa e logo a seguir cumpria a ordem de ir buscar uma *facha* de palha para acomodar o gado. E referia a perna in-*chada* de ter-lhe batido com a enxada.

Um lamento de mocinha:

— «Deixa-me chorar até ficar *roxa* dos olhos para verter a pena que estou *cheinha* de paixão».

Os admiradores do amolecimento da prosódia chasqueavam da antiga forma com a «*chapa* de *chumbo chapada* no *chão*» remoque desgraçoso e pobre de inventiva.

As línguas italiana e espanhola que não deixaram perder o som *tch* de *Boccácio*, *fanciulo*, assim como a

chula, *china*, *chimpanzé*, *chiquilla* não ocorre inventar semsaborias similares para menosprezo de valores prosódicos que tanto realçam o brilho da expressão.

Das quatro línguas ocidentais só o português inventou o *ão* que as três restantes muito mal se acomodam a pronunciar.

Todas guardaram a tonalidade menos dura do *om*.

E entre elas só o francês não usa o *tch* porque nunca o teve. O português como as duas irmãs que o possuem de origem despresou-o por inútil ou nocivo de sua graça.

Resta-nos agora lamentar a perda, sem tentativa de recuperar o que breve promete desaparecer.

No Minho e Beira ainda podem ouvir-se de uma boca ou outra a *repetiçom* da antiga linguagem ou de uma avó rogar ao neto «*chega aqui para enxotar a mosca da cara do menino*».

Acontece raro. Só gente idosa repete a costureira velha. Os moços habituam-se a falar de outro feitio, conforme o aprendido na escola. O professor corrigiu os que lá entraram com *om* ou *tch* transmitidos pela família. E com o aumento de letrados sempre em acréscimo de percentagem no total da população, diminue o número dos que conservam os geitos transmitidos e guardados através de oito séculos.

Há sessenta anos era diminuta a conta dos que aprendiam a ler. Além disto os velhos mestres régios mostravam-se pouco severos no ajustamento aos novos moldes de linguagem.

Ainda tive um professor de português em exercício no Liceu de Vizeu, o Padre Côta, mestre considerado que nunca deixou de pronunciar o *ch* da antiga maneira.

Bem entendido que esse procedia de peito feito,

convicto de dar exemplo na manutenção da pronúncia que via em risco de desaparecer.

Acontecia dizer:

— Essa é de *racha* e *escacha*; só de *chuchadeira*...

Experimente-se a pronúncia das duas maneiras para bem apreciar o rigor da forma primitiva.

Padre Côta era professor de Português e Literatura que ensinava com perfeito conhecimento do ofício.

Mais tarde, ele no fim da carreira, eu adiantado no curso superior, ouvi-o lamentar:

— Esses lisboetas estragam a língua vigorosa e sã que nós aqui falamos, aprendida com os velhos que a aprendem do próprio chão lavrado.

Assim se pode aceitar que o Padre Mestre Côta foi o último beirão a respeitar com amor e consciência a língua dos antepassados, não castrada dos enérgicos sons e palavras sonoras, no seu tempo ainda correntes em lugares serranos.

Também me ocorre declarar que certos modos de dizer achados nas minhas composições, os aprendi com os rústicos, puros de influência letrada que exprimem quanto lhes acode ao pensamento, espontâneo e fácil, além de forte no viço e claridade.

Nunca tive outra escola de habilitação na arte de escrever, quando tentei apresentar personagens características do lugar, com raiz na terra por eles revolvida.

Talvez a geração no crescimento apareça em adulta desprovida da substância que o Padre Mestre Côta tanto apreciava.

A escola primária no cumprimento do seu dever

de ministrar o alfabeto, vai acabando com os rudes, de todo afastados do convívio das letras.

Daf vem a uniformidade que se espalha e dentro em pouco nem memória consentirá dos velhos modos referidos.

Estulto seria por amor do pitoresco, modos folclóricos, imagens regionais lembrar qualquer resistência ao trazido pela evolução dos tempos.

Só há a empregar um recurso contra o total desaparecimento. Vem a ser a recolha em gravação autêntica dos restos dos antigos sons que dentro de poucos anos podem desaparecer.

Esta Academia por si não dispõe de recursos que permitam a colheita das falas ainda vivas em terras do norte, Beira Alta, Minho e outras. Mas poderá, talvez, influir em Entes Públicos que possuem máquinas para recolha de sons, os quais tomariam o encargo de meter em discos as particularidades ainda vivas nas pronúncias de Além Mondego.

Creio que diversas cambiantes além das mencionadas, por conhecimento próprio, outras existam dignas também de aproveitamento. O serviço da recolha da linguagem viva poderia estender-se a todo o país compondo uma discoteca ampla.

Por seguro tenhamos que a realização constituiria obra meritória a referir e agradecer em séculos futuros.

O que apresentei constitue uma lembrança a que os poderes da Academia acharão o que tem de práctico ou de inviável para qualquer agência futura no sentido de salvar o que está bem perto de perder-se e havemos de considerar como preciosidade insubstituível.»

de ministrar o alfabeto, vai acabando com os estudos de todo afastados do convívio das letras. Daí vem a uniformidade que se espalha e dentro em pouco nem memória consentirá dos velhos modos referidos.

Estudo seria por amor do pitoresco, modos folclóricos, imagens regionais sempre qualqueres resistentes ao traxido pela evolução dos tempos. Só há a emprestar um recurso contra o total desaparecimento. Vem a ser a recolha em gravação acústica dos textos dos antigos sons que dentro de poucos anos podem desaparecer.

Esta Academia por si não dispõe de recursos que permitam a recolha das falas ainda vivas em terras do norte, Beira Alta, Minho e outras. Mas poderia fazer, incluir em Estes Públicos que possuem máquinas para recolha de sons, os quais tomariam o cuidado de meter em discos as particularidades ainda vivas nas paragens de Alem Mondego.

Certo que diversas campanhas alem das mencionadas, por conhecimento próprio, outras existem dignas também de aproveitamento. O serviço da recolha da linguagem viva poderia estender-se a todo o país com uma discoteca ampla. Por sermo tentamos que a realização constitua obra meritória a referir e agradecer em séculos futuros.

O que apresentamos aqui tem por finalidade a preservação dos poderes da Academia, o que tem de precioso e de inviolável, a garantia futura no sentido de salvar o perigo de perder-se e havemos de considerar a possibilidade insuperável.



Com a certeza de que a Academia de la Lengua Portuguesa, a través de la presente, va a ser de gran utilidad para la conservación de la lengua portuguesa en sus dialectos.

*Composto e impresso na
oficina «Ottoesgráfica, Ltd.^a»
Largo do Conde Barão, 50
Lisboa*

